

LITERATURAS
AFRO-BRASILEIRA
E AFRICANAS

PRODUÇÃO, ENSINO
E POSSIBILIDADES

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profa. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Conselho Editorial do Laboratório de Edição Fábrica de Letras

Ana Paula Pacheco (USP)
André Mitidieri (UESC)
Antônio Luciano Tosta (KU/USA)
Berenice Granados (UNAM/México)
Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFES)
Cícero Anastácio Araújo de Miranda (UFC)
Claudio Cledson Novaes (UEFS)
Denise Dias de Carvalho Sousa (UNEB/Campus IV/Jacobina)
Jordi Canal i Morell (EHESC/França)
Marcelo Ferraz (UFG)
Marcio Roberto Pereira (UNESP/Assis)
Marcus A. Assis Lima (UESB)
Mário César Lugarinho (USP)
Mauro Mamani Macedo (UNMSM/Peru)
Rejane Cristina Rocha (UFSCar)
Sônia Queiroz (UFMG)
Wander Melo Miranda (UFMG)

Maria Anória de Jesus Oliveira
Ana Rita Santiago
(organizadoras)

LITERATURAS
AFRO-BRASILEIRA
E AFRICANAS

PRODUÇÃO, ENSINO
E POSSIBILIDADES

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Literaturas afro-brasileira e africanas : produção, ensino e possibilidades / organização Maria Anória de Jesus Oliveira , Ana Rita Santiago. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020. (*Coleção Pós-Crítica*)

ISBN 978-65-86089-49-3

1. Educação 2. Literatura africana 3. Literatura afro-brasileira I. Oliveira, Maria Anória de Jesus. II. Santiago, Ana Rita.

20-53132

CDD-863.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura africana : Crítica e interpretação 863.09

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final dos autores

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

apoio institucional

C A P E S

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Quando organizávamos o presente livro, uma das autoras, a pesquisadora Rosilda Alves Bezerra estava entre nós, neste plano existencial. Infelizmente, a reconhecida docente da UEPB foi mais uma vítima da Covid-19. A ela, uma das estrelas e parceira de travessias na área e a sua sobrinha, a jovem Gabriela (mestranda em Literatura), que também estava de Covid-19, após a perda da tia não resistiu. Outra fatalidade dos tempos pandêmicos. Desses tempos tristes, Gilvan (egresso do Pós-Crítica/Uneb), foi mais uma vítima da Covid-19. E se tivéssemos a vacina em tempo hábil? Muito provavelmente as páginas de um livro chamado vida continuaria a ser escrito por Rosilda, Gabriela, Gilvan e diversas diferentes gentes. Agora, portanto, teremos que seguir reescrevendo as páginas dos livros que nossos entes queridos iniciaram com muita potência. Nessa dimensão, em forma de prece, lembramos as palavras dos músicos Chico César e Bráulio Bessa: “Se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar!” (Inumeráveis).

AGRADECIMENTOS

Sozinhas:

Estrelas,

somos.

Brilhamos, expressamos a luz interior.

Mas, quando a minha estrela-encontra-a-sua-estrela:

saberes, (re)existências, (re)encontros, potências impressas.

Nesse tom, gratidão!

*Gratidão a cada pesquisador(a) que se fez presente nessa travessia
e nos presenteou com preciosa parte do seu labor.*

*Gratidão a Ana Fátima, pela releitura dos textos e
importantes contribuições.*

*Gratidão a Gislene que,
convidada à festa-formatação,
cumpriu o desafio com vigor.*

*Gratidão a todos(as) que,
direta ou indiretamente,
tornaram viável nossa publicação.*

Nesse enlace ancestral:

Somos constelação.

SUMÁRIO

Apresentação
OLHARES NEGROS E A LUTA ANTIRRACISTA. 13

Parte I
LINGUAGENS DA REEXISTÊNCIA: DESAFIOS,
CONFRONTOS E CONQUISTA

Capítulo 1
O CARAMUJO E O CARCARÁ: VOZES
NEGRAS NA LUTA ANTIESCRAVISTA. 29
Eduardo de Assis Duarte

Capítulo 2
O LEGADO RAÇA E SUAS IMPLICAÇÕES
EM NARRATOGIAS MODERNAS
E CONTEMPORÂNEAS 41
Jurema Oliveira

Capítulo 3
BEST SELLERS, WORST SELLERS: REFLEXÕES
SOBRE LITERATURAS, AUTORIAS NEGRO-
AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
E MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO 53
Iris Maria da Costa Amâncio

Capítulo 4
CURSO DE LETRAS DA UNEB NA CONSTITUIÇÃO
DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISMO:
REFLEXÕES ACERCA DO CURRÍCULO 81
Tássia Fernanda de Oliveira Silva e
Maria Nazaré Mota Lima

Capítulo 5
LITERATURA E HISTÓRIAS QUILOMBOLAS:
LEITURAS EM LIVROS PARADIDÁTICOS 103
Ana Fátima Cruz dos Santos e
Maria Anória de Jesus Oliveira

Parte II
MULHERES NEGRAS/AFRO-BRASILEIRAS
E AFRICANAS: MEMÓRIA, SABERES
E SUBJETIVIDADES

Capítulo 6
CIRANDA DE MULHERES: VIOLÊNCIA
E SORORIDADE EM ESCRITORAS
AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS 127
Vania Vasconcelos

Capítulo 7
A AUTORIA NEGRO-FEMININA NO BRASIL E EM
MOÇAMBIQUE: ALGUMAS POSSIBILIDADES E
DESAFIOS AO ENSINO DE LITERATURA 143
Ana Rita Santiago

Capítulo 8
A MEMÓRIA COMO FIO NARRATIVO:
A ESCRITA CAROLINIANA EM FOCO 163
Daynara Lorena Aragão Côrtes e
Jeane de Cassia Nascimento Santos

Capítulo 9
LÍNGUA: PERCEPÇÃO E ESTRANHAMENTO
EM AS MULHERES DE TIJUCOPAPO DE
MARILENE FELINTO 181
*Renzilda Ângela de Souza Ferreira de Santa Rita e
Tânia Maria de Araújo Lima*

Capítulo 10
MICROTECNOLOGIA SUBJETIVA DE
ESCRITORAS NEGRAS EM SALA DE AULA. 203
Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Capítulo 11
MARGARIDA MARIA DE SOUZA:
ENTRE O TORNAR-SE ESCRITORA
E O MERCADO EDITORIAL 223
Gislene Alves da Silva

Parte III
LITERATURA PARA CRIANÇAS, JOVENS
E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA: AUTORIA,
PRODUÇÃO E ENSINO

Capítulo 12
LIJAFRO: PROPRIEDADES DISJUNTIVAS
E AUTORIA NEGRA COMO POSICIONAMENTO
A CONTRAPELO. 239
*Daniela Galdino Nascimento e
Florentina da Silva Souza*

Capítulo 13
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA INFANTO-
JUVENIL: AS LEIS 10.639/03 E 11.645/2008
E SUAS REPRESENTATIVIDADES
IDENTITÁRIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA 267
*Rosilda Alves Bezerra e
Carlos Alberto de Negreiro*

Capítulo 14
ESTABELECIDO TECITURAS EM LIVROS
INFANTO-JUVENIS: LEITURAS, LEITORES
E FORMAS DE REPRESENTAÇÃO 239
Andreia Lisboa S. Johnson

Capítulo 15
SUJEITOS E SABERES DA EXPERIÊNCIA: LITERATURA
INFANTOJUVENIL E DIREITOS HUMANOS 321
*Ana Cristina Marinho e
Rinah de Araújo Souto*

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES 337

Apresentação

OLHARES NEGROS E A LUTA ANTIRRACISTA

[...] este é um livro que eu desejaria de todo o coração que já não fosse relevante na atualidade, pois, se fosse assim, uma significativa revolução de valores teria acontecido em nossa sociedade [...].

(bell hooks)

A epígrafe que abre esse ciclo de diálogos foi extraída do livro *Olhares negros: raça e representação*, da intelectual e ativista estadunidense bell hooks (2019, p. 25). Pousamos em suas palavras para endossar o que gostaríamos de expressar inicialmente: este é um livro que reúne reflexões de grande relevância social e segue atual. Bom seria, se desnecessário fosse.

Afinal, ao invés de constatar avanços e significativa “revolução” na área em questão, nos deparamos com um contexto adverso e de retrocessos no cenário social, quando as máscaras e as máculas do racismo à brasileira caem por terra, mas preservando suas células vitais: os efeitos camaleônicos e, por conseguinte, as mutações e proliferações sociais. Nessa onda complexa, ameaças de mordidas são constantes. Uma delas, inclusive, pode ser constatada através de ataques falaciosos ao legado de Paulo Freire (1996, pp. 40-41) que, dentre tantas

contribuições, nos instiga a “pensar certo”, para que possamos viabilizar a “prática educativa crítica”.

Essa prática, para nós, não pode prescindir de conhecimentos prévios acerca do racismo, do que está por trás desse problema histórico, da necessidade de re/aprendermos a identificá-lo para dirimir seu impacto na sala de aula, nos produtos culturais e na sociedade. É o que aprendemos com alguns marcos legais conquistados recentemente,¹ os quais serão focalizados em alguns textos do presente livro.

Em outras palavras, nossos passos ressoam da luta antiescravagistas, quando da edificação do *racismo científico* (Munanga 2006). Eclodem nas *escrevivências* de intelectuais das terras ancestrais africanas e de outros nascidos na negra diáspora, o Brasil. Reverberam, em algumas editoras, quando não silenciados, não distorcidos pelo *epistemicídio* (Carneiro 2005). Este livro, portanto, não é só necessário, torna-se urgente no contexto atual do país, sobretudo, em tempos de retrocessos, conforme apontamos anteriormente.

Para apenas situar um pouco da dimensão do que intentamos destacar, lançamos o convite para irmos ao encontro de Luiz Gama e de Machado de Assis, sabiamente metaforizados pelo autor Eduardo de Assis Duarte como “caramujo”, em menção ao patrono da Academia Brasileira de Letras. Referimo-nos a um dos mais expressivos escritores brasileiros imortalizado pela potência de sua obra. Há, contudo,

1. Referimo-nos aos marcos legais: a alteração da nossa LDBEN 9.394/96 pela Lei Federal 10.639/03 (assuntos pertinentes à história e culturas afro-brasileiras e africanas na educação básica e respectivas Diretrizes Curriculares (2004); Semelhante deliberação, a Lei Federal 11.645/08 (assuntos voltados para a história e culturas indígenas também na educação básica); Plano Nacional de Educação para as relações étnico-raciais (2009); Estatuto da Igualdade Racial (2010); Resolução pertinente à Educação Escolar Quilombola (sobre esta última, veja-se maiores informações e reflexões em um dos textos dessa coletânea).

controvérsias em torno de tal produção, o que é evidenciado pelo pesquisador Eduardo de Assis Duarte.

O outro, o carcará, representa uma das maiores referências da luta antiescravagista no Brasil, cuja história de resistência e, diríamos, de reexistência (Silva 2011) precisa ser muito mais visibilizada. A título de instigação, alguns questionamentos: o que conhecemos acerca dele, Luiz Gama? Da sua vasta produção que abrange diversas áreas: Direito, Jornalismo, Literatura, por exemplo, o que lemos? Então, indagamos, qual a relevância social e, atual, da obra de Luiz Gama?² O que dele levamos para o chão das escolas não só no dia da consciência negra, mas no decorrer do ano letivo? É de nosso conhecimento que ele, Luiz Gama, filho de uma das líderes do movimento Malês, Luiza Mahin, celebrou a beleza da mulher negra, sendo um dos precursores de vasta literatura que visa à afirmação identitária negra, a exemplo dos *Cadernos Negras*? (Souza 2005; Cuti 2011; Oliveira 2014^a).

-
2. Como re/descobrimos através da leitura de livros tais quais: *Com a palavra, Luiz Gama* de Lígia Fonseca Ferreira (2011); e com a dissertação *Entre as Leis e as Letras: escrituras identitárias negras de Luiz Gama*, de Jair Cardoso Santos (2016). Para termos uma visão ainda mais ampla dessa vertente, indicamos a leitura dos quatro volumes do livro: *Literatura e afrodescendência no Brasil*, organizadas pelos/as pesquisadores/as Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Fonseca (2011). Mas, para quem desejar acessar outras produções nos meios virtuais, na linha propositiva de tais livros, recomendamos acessar o *site: literafro* – O portal da literatura Afro-Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/> e conhecer a produção, crítica, resenhas, entrevistas e muito mais. Ou seja, já não basta contestar o problema do racismo estrutural e institucional no Brasil, urge a tomada de consciência dos seus entraves e abrir outras veredas para possibilitar outras travessias. Nessa linha, indicamos, ainda, o *site Quilombhoje Literatura em*: <http://www.quilombhoje.com.br/site/>. Em síntese, *nostros passos vem de longe* e os redimensionamos no presente, almejando um futuro mais promissor e equânime para a sociedade em geral.

Outras obras contemporâneas se insurgem e dão o tom do que poderá ser encontrado nas páginas deste livro e que nos parece ser importante compartilhar e, portanto, outras indagações: o que atravessa as três partes que subdividem o livro em termos de problematização central? O que entendemos por “olhares negros”? Essas e outras questões expressam alguns dos nossos desejos e desassossegos investigativos, a fazer emergir teias de ideias que o engendram. Nesse ínterim, caminhemos inundando o universo em branco com nossos pontinhos pretos.

O que colocamos na roda de debates resulta de uma plêiade de pesquisadores/as brasileiros (as) que, no decorrer de suas trajetórias acadêmicas, vem se dedicando às empreitadas antirracistas no campo das literaturas negras/afro-brasileiras e africanas na educação básica sem preterir, também, o ensino superior e o mercado editorial.

Entrelaçando os fios do pensar, vislumbramos perspectivas, se pensadas sob a ótica de Liv Sovik no texto de apresentação do livro *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, de Stuart Hall (2003). Explicamos.

Sovik entende que, para Hall (2003, pp. 9-21), o ato de “teorizar”, na perspectiva dos Estudos Culturais, implica a dessacralização de certas autoridades consagradas, as quais são destituídas da aura “divina” (Hall 2003, p. 13) e da pretensa neutralidade. Endossamos as ideias de ambos os estudiosos, levando em conta o conjunto de textos dessa coletânea e, no cerne das reflexões, o campo da literatura, quem a re/produz e ensina, reiteramos.

A literatura, segundo o escritor Cuti (2010, p. 12), é “poder”, pois alimenta o nosso “imaginário”. É, nessa perspectiva, uma “fonte inspiradora do pensamento e da ação”, complementa o escritor e estudioso da área. E, sob o ponto de vista da escritora Conceição Evaristo (2007, p. 7), constitui-se enquanto “espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos” negativos e/ou positivos sobre quem representa no corpus

textual. Assim sendo, *fratura*, *rasura*, *ressignifica* e/ou *endossa* estereótipos “no interior da linguagem”.

Linguagem que atravessa outros campos do saber, a ponto de ainda lutarmos pelo cumprimento da Lei Federal nº 10.639/03, assunto que também atravessa boa parte dos textos dessa coletânea, quando se discute a licenciatura de uma universidade pública, a UNEB, no caso dos cursos de Letras; a formação de professores/as e a educação básica em uma perspectiva educacional quilombola.

Mas, uma informação: muito mais do que explicar o conteúdo de cada texto, pretendemos instigar nossos/as interlocutores/as a percorrer suas páginas, posto que as ideias e problematizações expressam vozes que vêm de longe e, por isso, as referendamos com outras que as antecedem e/ou as sucedem. É o que aprendemos com a escritora do Zimbabue, J. Nozipo Maraire (1992, p. 102), quando ela nos incita a tomar “posse” da nossa “história” e assevera: “A batalha pela África pode ter acabado, mas a luta pela história, a arte, a literatura e os filhos deste continente cresce em intensidade”. Este livro, de certo modo, favorece lutas por nós empreendidas em face dessa “batalha” antiga.

Observamos, na realidade, que a “batalha pela África” e seu legado cultural, recriado na diáspora, intensifica-se no mercado editorial ao se valorizar certas obras literárias e preterir outras. Quais são essas obras? Quem as escreveu? Quais as relevâncias delas na luta antirracista? Esses são alguns dos aspectos importantes realçados aqui. É o que compreendemos melhor a partir do texto de Iris Amâncio, quando a pesquisadora constata e contesta em *Best Sellers, Worst Sellers: reflexões sobre literaturas, autorias negro-africanas de Língua Portuguesa e mercado editorial brasileiro*. É o que, em outras palavras, denuncia Daniela Galdino, em *Lijafro: propriedades disjuntivas e autoria negra como posicionamento a contrapelo*, ao se deter sobre a disparidade de publicações acerca das literaturas destinadas

às crianças e jovens no mercado editorial. Há, portanto, que atarmos os pontos entre as três partes distintas, mas, nem por isso, desconexas.

O campo é complexo, terreno íngreme. Complexo por abranger diversas áreas (ciências sociais, humanas, dentre outras). Íngreme, por requerer a nossa conscientização e, por conseguinte, um olhar crítico acerca das relações étnico-raciais no Brasil. Quer dizer, se lutamos por “mudanças de rumo” na sociedade, teremos que questionar certas autoridades que nos foram impostas “no corpo-a-corpo com outros teóricos” (Hall 2003), no jogo do saber e do poder instituído pelas *sociedades de discursos*, se pensarmos com Foucault (2006).

Sob o prisma de bell hooks (2019), compreendemos se tratar de um livro que, a despeito das batalhas travadas ao longo do tempo, os assuntos abordados seguem urgentes e necessários, pois carecemos da “revolução de valores” no que tange ao racismo que se fortalece nos dias atuais. Repensar a “revolução de valores”, como instiga hooks, implica estilhaar as *máscaras brancas* em um “jogo agonístico” (Hall 2003), mas não agonizante, o que re/aprendemos com Frantz Fanon. Nesse jogo-ginga, noções adversas insurgem, também obras literárias e autores/as.

Em um breve preâmbulo dos caminhos metodológicos, há, neste livro, quem recorreu à pesquisa bibliográfica, ampliando-se as fontes teóricas e literárias. Há quem adentrou tais veredas e foi a campo, na educação básica e levou livros destinados às crianças, jovens e compartilhou a visão dos estudantes em relação às obras abordadas, as expectativas deles/as, como se veem, quais os referenciais de beleza. Há ainda quem, com ampla experiência na área e prática no mercado editorial, detém-se sobre esse mercado que vem, não por acaso, investindo e difundindo as obras de escritores/as africanos/as brancos/as em detrimento das produções de escritores/as negros/as africanos/as e brasileiros/as.

Temos, portanto, produções variadas. Pontos de vistas distintos, alguns; outros, aproximados, o que é salutar, para engendrar produtivos debates na área. De modo geral, as ideias se afinam e um foco central a entrelaçar os textos aqui reunidos: o combate ao racismo e a uma das suas faces mais perversas: o pretensioso mito da democracia racial (Moore 2007). Em termos de fundamentação teórica, há uma rede de nomes reconhecidos/as nacional e/ou internacionalmente de diversas áreas (psiquiatria, psicologia, literatura, crítica cultural, filosofia, sociologia, história, linguística aplicada (letramentos), dentre outras.

Quais seriam os desafios, os confrontos e perspectivas apontadas, se vivemos sob o impacto de uma sociedade excludente, racista, machista, narcisista, neofascista, a mirar-se em espelhos que não a reflete, visto serem as lentes e as miragens brancocêntricas? Nessa linha de pensamento, o crítico literário Antonio Candido (2002) fez constatações que o levou a entender que o racismo é um *crime ontológico*. Mas, nessa obra, destacaremos tal “crime”? Partimos dele, contudo, sem receios e rodeios, pela necessidade de potencializarmos vozes que foram – e continuam sendo – silenciadas, quando não desqualificadas na arena do saber e, por conseguinte, do poder (Foucault 1992). Se nos impõem tais lentes em diversos espaços sociais e mediante uma de/formação eurocêntrica, tornam-se urgente refazermos as rotas e redimensionarmos o percurso (antirracismo).

Antirracismo, por quê? Exceções à parte (e são poucas), porque a sensação, pelo que observamos nos cursos ministrados nesse campo do conhecimento, é de que algo muito importante foi negado e maculado nas produções culturais, nos currículos e nos espaços escolares, grosso modo. A título de exemplo, algumas instigações: quando re/pensamos espaços sociais africanos, quais imagens vem à nossa mente? Do contexto ao texto: nas instituições nas quais atuamos,

quais Áfricas identificamos nos livros que levamos para as nossas aulas (didáticos e/ou literários)? Quanto a escritores/as que estudamos, re/lemos no decorrer da trajetória escolar (incluindo a vida acadêmica, para uns), quais obras apresentam protagonistas negros? Enfim, tais searas adentraremos.

Entrelaçamos os fios do pensar/expressar com bell hooks (2019, p. 25), quando ela se refere ao fato de ainda haver necessidade de re/discutir o racismo e uma das suas consequências nocivas à sociedade: o bombardeamento de “imagens profundamente negativas do que é ser negro: imagens que atacam a psique de todos”. O que interessa ressaltar é que avançamos, sim, mas a passos lentos e essa coletânea, que poderia ser desnecessária, reiteramos, torna-se imprescindível, atual e urgente, visto que a “revolução”, revisão e desconstrução de “valores” negativos, nefastos, impregnados de preconceitos raciais ainda persistem na sociedade. Identificá-los, questioná-los e contribuir com outras perspectivas é o nosso desafio maior, como aprendemos com a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em *O perigo de uma história única*. É o que intentamos em *Literaturas afro-brasileiras e africanas: produção, ensino e possibilidades*, subdividida em três partes.

Na primeira, *Linguagens da reexistência: desafios, confrontos e conquistas* reunimos os seguintes textos: *O caramujo e o carcará: vozes negras na luta antiescravista*, de Eduardo de Assis Duarte; *Best Sellers, Worst Sellers: reflexões sobre literaturas, autorias negro-africanas de Língua Portuguesa e mercado editorial brasileiro*, de Iris Maria da Costa Amâncio; *O legado raça e suas implicações em narrativas modernas e contemporâneas*, de Jurema Oliveira; *Curso de Letras da UNEB na constituição de uma educação antirracista: reflexões acerca do currículo*, de Tássia Fernanda de Oliveira Silva e Maria Nazaré Mota Lima; e *Literatura e histórias quilombolas: leituras em livros paradidáticos*, de Ana Fátima Cruz dos Santos e Maria Anória de Jesus Oliveira.

O fio que os entrelaçam já aparece no século XIX, quando outras vozes ecoaram de distintos modos, seja por via de um

discurso tal qual o do “caramujo”, Machado de Assis ou o de Luiz Gama, o “carcará”, a vociferar com contundência e denunciar o sistema escravagista da época, em defesa da população negra.

Aquele problema antigo, o racismo, em roupagens outras incide sobre o mercado editorial, as produções literárias (individuais e coletivas) e em seus autores no Brasil e nas obras aqui reeditadas, no caso das produções africanas. Impacta na sala de aula, nos currículos, nos conteúdos ministrados e, também, nas práticas docentes. Atinge as comunidades quilombolas, o que requereu a implementação de marcos legais, para que fossem incluídos assuntos preteridos no campo das literaturas negras/afro-brasileiras e africanas culminando-se, posteriormente, com a educação escolar quilombola. Mas, da implementação ao cumprimento, de fato, um hiato e a necessidade de se fazer valer a conquista pleiteada ao longo do tempo. Os textos dessa e das demais partes problematizam e, alguns, apontam proposições, como se seguem.

Na segunda parte, *Mulheres negras/afro-brasileiras e africanas: memória, saberes e subjetividades* contamos com os seguintes textos: *Ciranda de mulheres: violência e sororidade em escritoras africanas e afro-brasileiras*, de Vânia Vasconcelos; *A memória como fio narrativo: a escrita caroliniana em foco*, de Daynara Lorena Aragão Côrtes e Jeane de Cassia Nascimento Santos; *Língua: percepção e estranhamento em As mulheres de Tijucopapo de Marilene Felinto*, de Renzilda Ângela de Souza Ferreira de Santa Rita e Tânia Maria de Araújo Lima; *Microtecnologia subjetiva de escritoras negras em sala de aula*, de Jailma dos Santos Pedreira Moreira e Gislene Alves da Silva em *Margarida Maria de Souza: entre o tornar-se escritora e o mercado editorial*.

Diante do conjunto de textos acima citados, re/visitamos matrizes africanas e a legados recriados nessa diáspora, posto que as autoras tecem outras rotas epistemológicas, mas não só. Na arte de tecer o pensar, re/visitamos escrituragens de Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Marilene Felinto, Geni

Guimarães, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Jocélia Fonseca e outras constelações literárias.

E, por fim, a terceira parte, *Literatura para crianças, jovens e afirmação identitária: autoria, produção e ensino* apresenta os seguintes textos: *Lijafro: propriedades disjuntivas e autoria negra como posicionamento a contrapelo*, de Daniela Galdino Nascimento e Florentina da Silva Souza; *Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: as leis 10.639/03 e 11.645/2008 e suas representatividades identitárias na educação básica*, de Rosilda Alves Bezerra e Carlos Alberto de Negreiro; *Sujeitos e saberes da experiência: literatura infantojuvenil e direitos humanos*, Ana Cristina Marinho e Rinah de Araújo Souto; e, *Estabelecendo tecituras em livros infanto-juvenis: leituras, leitores e formas de representação*, de Andreia Lisboa S. Johson.

Nessa parte, o que está no centro da roda é a criança, através da análise das literaturas infantis e juvenis negras/afro-brasileiras e africanas. É problematizada, também, a atuação docente com tais produções no processo de/formação de leitores. Vale salientar que as literaturas destinadas às crianças e aos jovens ainda seguem marginalizadas em nossas instituições acadêmicas e nos cursos de Letras, a despeito de certa visibilidade nos últimos tempos. Aqui, elas abrem caminhos para ampliar nosso olhar crítico na área que, sabemos, envolve múltiplas linguagens (ilustração, a simples narrativa e diversificados suportes).

Em diálogo com Hall (2003), que saibamos fazer uso dessas “caixas de ferramentas” teóricas e, acrescentamos, metodológicas, críticas e históricas como dispositivos profícuos às reflexões e ações em sala de aula, fora do espaço educativo e em nossa vida, como nos instiga Frantz Fanon (2006), ao desejar “sacudir” o irmão negro e o irmão branco das neuroses que os envolvem. Aliás, Fanon foi a impactante voz a ressoar da Martinica à negra diáspora brasileira que, segundo Lewis R. Gordon, prefaciador de *Pele negra, máscaras brancas*,³ se detém sobre o “domínio no âmbito

3. Como podemos observar no prefácio do citado livro (2008, p. 14).

epistemológico, na esfera do conhecimento” e o fez em viés radical e “crítico”. Redimensionando tais palavras, identificamos, nessa coletânea, olhares atentos, contestadores e, em alguns aspectos propositivos quando, além de se problematizar o racismo, se sugerem caminhos para que o enfrentemos, lançando mão de dispositivos antirracistas.

Este livro, antecipamos, não tem a pretensão de acomodar e, sim, incomodar, para seguirmos em frente, na luta por uma sociedade mais equânime, plural, aberta às diferenças, recriadas na linguagem literária, produzida nas editoras e re/lida no chão das instituições de ensino.

Da preocupação com certos estereótipos veiculados no campo das literaturas negras/afro-brasileiras e africanas, para entender/problematizar o mercado editorial que as re/produz, veicula ou as rejeita, o espaço escolar onde são preteridas e/ou incluídas, faz-se necessário, ao menos, “pensar certo”, como instiga Paulo Freire (1996, p. 36) em sua *Pedagogia do oprimido*. É possível que tenhamos, aqui, uma “Pedagogia antirracismo”, à direção do que propõe nosso patrono que, ainda, explica: “faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação.”

Poderíamos asseverar que os textos deste livro (que agora tens em mãos, prezado/a leitor/a), dialoga com pontos de vista de Freire, principalmente, quando o educador discorre sobre “ensinar”, o que exige “rigor metódico”, “necessidade de “pesquisa”, e, dentre outros pontos por ele salientados, o “reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (Freire 1996, pp. 41-46). Em outras palavras, os resultados das pesquisas e/ou reflexões de cada autor/a abrem caminhos para lidarmos com tais desafios.

Por outro lado, para estudar, selecionar, analisar, levar para a sala de aula ou, inclusive, para efetivarmos leituras no ambiente familiar, é fundamental que saibamos “sacudir energicamente” (Fanon 2008) as máculas e as marcas do

racismo dirimindo-se, assim, suas consequências nocivas. Nessa direção, impactantes vozes ecoaram da nossa exposição e, sabemos, nortearão outras reflexões desse livro.

Como aprendemos com a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, precisamos evitar *O perigo de uma história única*. Eis o propósito dessa coletânea. Nessa sintonia, conclamamos bell hooks (2019, p. 45) para endossar que:

Falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros. (hooks 2019, p. 45)

Que este livro seja mais um passo à direção do que almejamos: a re/constituição de uma sociedade mais equânime e consciente de que nossos passos vêm, sim, de longe. Passos esses metaforizados em distintas linguagens, como fez o “caramujo”, Machado de Assis, ou o contundente “carcará”, Luiz Gama. Por vias adversas, foram reconfigurados nas *escrevivências* de Conceição Evaristo, a sensibilizar e propiciar a “autotransformação”. Afinal, só na condição de “sujeitos é que nós podemos falar”, transfigurar o passado, recriar o presente, gestar o futuro, indo de encontro às marés atuais. Que as literaturas, demais produtos culturais e os espaços educacionais sejam campos férteis à sensibilização, à humanização e à valorização das diferenças.

Que você, leitor/a, nas tessituras dessas linhas, escolha e faça seu próprio “rito de passagem” em outras paragens que, agora, compartilhamos.

Boa leitura!

Maria Anória de Jesus Oliveira
Ana Rita Santiago

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi (2019). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRASIL (2004). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: MEC-SECAD/SEPPPIR /INEP.
- _____. (2009). *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana*. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Subsecretaria de políticas de Ações afirmativas. Brasília: MEC.
- _____. (2015). *Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012*. Brasília: CNE/CEB. Disponível em: www.seppir.gov.br/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares. Acesso em: 16/02.
- CÂNDIDO, Antônio (2002). *Racismo: crime ontológico* [Entrevista]. Ethnos Brasil [S.l: s.n.].
- CARNEIRO, Aparecida Sueli (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CUTI (2011). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro.
- DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth (orgs.) (2011). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- EVARISTO, Conceição (2007). *Literatura negra*. Rio de Janeiro: CEAP.
- FANON, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- FERREIRA, Lígia Fonseca (2011). *Com a palavra, Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- FOUCAULT, M. (2006). *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.

- _____. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Tópicos)
- FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- HALL, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- HHOOKS, Bell (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante.
- _____. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.
- MARAIRE, J. (1996). *Nozipo. Zenzèle: uma carta para minha filha*. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. S. Paulo: Mandarin.
- MOORE, Carlos (2007). *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo no Brasil*. Belo Horizonte, Mazza Edições.
- MUNANGA, Kabenguele (2006). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.
- OLIVEIRA, Bárbara Maria de Jesus (2014). *Cadernos Negros: (contos): fortalecendo negras raízes?* Dissertação de Mestrado em Letras. Salvador: UNEB.
- OLIVEIRA, M. A. de J. (2014^a). *Áfricas e diásporas na Literatura Infante-juvenil no Brasil e em Moçambique*. Salvador: EDUNEB.
- SANTOS, Jair Cardoso (2016). *Entre as Leis e as Letras: escrituras identitárias negras de Luiz Gama*. Dissertação de Mestrado em Letras. Alagoinhas: Departamento de Educação, UNEB.
- SOUZA, A. L. S. (2011). *Letramentos de reexistência—poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial.
- SOUZA, Florentina da Silva (2005). *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica.